

Padre Jorge Ribeiro

Fagulhas Filosóficas



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Fagulhas Filosóficas



Padre Jorge Ribeiro

Fagulhas Filosóficas



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Padre Jorge Ribeiro

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Sousa, Jorge Ribeiro

Fagulhas filosóficas / Padre Jorge Ribeiro Sousa. – Sorocaba :

Recanto das Letras, 2018.

64 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-69943-71-6

1. Filosofia 2. Existencialismo 3. Sofrimento 4. Escolha
5. Negação 6. Vontade 7. Liberdade I. Título

18-0236

CDD 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

SUMÁRIO

IDENTIDADE.....	7
O HOMEM PARASITA	12
AS PAIXÕES E O PENSAMENTO: As razões da filosofia da tolerância em Michel de Montaigne	15
A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO	30
A FALTA DE SILÊNCIO	32
QUAL SENTIDO? APOLOGIA DO MEDO E DO ABSURDO	35
A LIBERDADE QUE DESEJO	50
HOMEM SUGESTIONÁVEL	53
LEITURAS: UMA REFLEXÃO SOBRE O TEOR DA VIDA.....	55

POR QUE QUEREMOS SER FELIZES?.....57

A VERDADE ABRIU A BOCA!.....60

TODOS SOMOS INVISÍVEIS?62

IDENTIDADE

A busca pela liberdade é um desejo pela experiência de opressão e de fechamento. A busca pela identidade é um desejo de permanecer em si e não mais vaguear tateando sem saber onde aportar a própria realidade. O que realmente somos? Qual a nossa missão nesse mundo? Por que desse modo e nesse lugar e não diversamente? O que é ter uma Identidade? Quando é que sou eu realmente e não produto das circunstâncias? Realmente sou quem sou ou sou quem serei ou quem pretendo ser? Quando sei que realmente o que quero e busco é o que desejo ou o que os outros inculcam em minha vida? Como conciliar aquilo que sou para os outros com o que vivo em primeira pessoa? Quais modelos tenho a seguir para poder ser quem quero ser? Identidade significa ser, com toda a minha história e futuro que me possibilita.

Conhecer-se é o único caminho para poder existir uma identidade de querer e ser, ainda que parcialmente. Esse princípio fundamental que esse não é aquele e vice-versa, e que esse é esse, pois o que interessa são os nossos próprios valores, nossos próprios objetivos, nossa individualidade, nossa verdade. Para poder adentrar esse mundo de realização e de liberdade, faz-se mister um ambiente de silêncio, para gerar algo profundo, uma atmosfera que faça frutificar a solidão e não permita cair na superficialidade. Essa é uma busca dos próprios arquétipos, da nossa unicidade em todos o universo, ou seja, da busca, do reconhecimento e da caracterização do nosso próprio “EU”.

A fragmentariedade que somos submetidos a nos deixar encaminhar, muitas vezes aprisiona, distorce, rotula e marginaliza se a figura nossa não corresponde ao desenho que exigem e pedem de nós. Cada um de nós é inconfundível entre todos e por isso mesmo o lugar de cada um pertence a si mesmo e somos realizados quando fazendo a diferença conseguimos integrar o que somos, com o que queremos e o que se esperam de nós. A dissociação entre essas dimensões leva, muitas vezes, a esquizofrenia comportamental, a síndrome que leva a uma bipolaridade entre o que se quer e o que está capaz de enfrentar para realizar os próprios sonhos. Não se pode ser quem se quer ou pretende ser vivendo à sobra, seja de pessoas, seja de instituições ou dos próprios medos. Muitas vezes precisa-se resgatar raízes, reestruturar relacionamentos, voltar a lugares e situações que possam dar uma impronta real e não ilusória à própria condição pessoal.

A única necessidade para ser feliz e nunca trair ou vender os próprios ideais em função de qualquer outra promessa, nem mesmo da salvação. A identidade se conquista curvando-se dentro de si mesmo e abrindo-se aos outros e isso não se adquire por decreto ou ausência de constrictões, porque identidade quer dizer individualidade, responsabilidade, independência e interação e não egoísmo ou narcisismo. Ninguém é absoluto e compacto, o outro deve ser espelho diferenciado que deve me ajudar a ser quem sou. Não é um prolongamento e nem uma extensão de mim, e muito menos um outro eu, pois a minha identidade acontece reconhecendo e aceitando o eu da outra pessoa, não como pertencente a mim, mas outra realidade, que pode ser complementar, mas nunca idêntica à minha realidade.

Deixar as dependências, apaziguar o valor das críticas, das opiniões e dos elogios, talvez seja o início de um percurso de liberdade e de robusta identidade. Não colocar as conveniências acima dos próprios sonhos. Não se deixar abater ou determinar pelas barreiras ou dificuldades, pois quando não podemos ser um rio, podemos ao menos irrigar um pequeno pedaço de terra, ou seja, ha sempre uma possibilidade de prosseguir o próprio movimento. Esse processo exige humildade, capacidade de acolhimento, disponibilidade de amar a si mesmo, de amar os outros e de se deixar ser amado e não se levar pela prepotência, orgulho ou vaidade. As feridas podem causar cicatrizes, mas não impedem de recompor o tecido, assim os cenários diversificados não impedem de compor o quadro da própria identidade. Negar a própria natureza, querer corresponder aos anseios dos outros, o medo da rejeição, a falta de um sentido real pode impedir essa busca que deve caracterizar cada um de nós, porque somos seres de tensão, suspensos entre dois mundos e é essa a nossa identidade. Não a chegada, mas o mesmo caminho, não a perfeição, mas o seu desejo, não a pátria, mas o itinerário até ela. A nossa identidade é ser essa areia movediça, que pode ser tudo e nada ao mesmo tempo.

Aceitar a estruturante ambiguidade da nossa natureza pode nos ajudar a reconhecer e fortalecer a nossa identidade de seres transeuntes e paradoxais. Não ser pronto e acabado não é um defeito, mas uma marca de nosso ser irrealizado que se caracteriza pela busca e não pela conquista. Por isso as nossas frustrações, porque querem que sejamos bestas, anjos, deuses e nunca sujeito humano. A desconstrução e a descon-

tinuidade não são resistência e imperfeição, mas o método como respirar a perfeição almejada. Não somos feitos para contemplar o divino, para seguir sua estrela. O nosso fracasso é se identificar com um desenho fixo e abandonar as outras possibilidades. Tudo que não se renova morre e essa é a lei da nossa mesma identidade, vai se fazendo paulatinamente e nunca totalizante. A incompreensão que temos de nossa mesma existencialidade é o que faz que sejamos o que somos, seres incompreendidos, reticentes e inconclusos e com aprendizados de felicidade.

Expresso toda essa busca pelo sentido e pelo desejo de realização e de felicidade nas palavras do pensador francês, Blaise Pascal:

“Quando penso na pequena duração da minha vida. Absorvida na eternidade anterior, no pequeno espaço que ocupa, fundido na imensidade dos espaços que ignora, aterra-me e me assombro de ver-me aqui e não alhures, pois não há razão alguma para que esteja aqui e não alhures, agora e não em outro qualquer momento”. Quem me colocou nessas condições? Por onde e obra e necessidade de quem me foram designados esse lugar e esse momento? A lembrança de hóspede de um dia que passa.

Ante a cegueira e a miséria do homem, diante do universo mudo, do homem sem luz, abandonado a si mesmo e como que perdido nesse rincão do universo, sem consciência de quem o colocou aí, nem do que veio fazer, nem do que lhe acontecerá depois da morte, ante o homem incapaz de qualquer conhecimento, invade-me o terror e sinto-me como alguém que levassem, durante o sono, para uma ilha deser-

ta, e espantosa, e aí despertasse ignorante de seu paradeiro e impossibilitado de evadir-se. Vejo outras pessoas ao meu lado, aparentemente iguais a mim; pergunto-lhes se acham mais instruídas que eu, e eu me respondo pelo negativo; no entanto, esses miseráveis extraviados se apegam aos prazeres que encontram em torno de si. Quanto a mim, não consigo afeiçoar-me a tais objetos e, considerando que no que vejo há mais aparência do que outra coisa, procuro descobrir se deus não deixou algum sinal próprio.

- Só sei que o silêncio eterno desse espaço infinito me apavora...
- E enquanto a esse deus que nos ignoram...!

Porque esse mundo finito e belo é tão difícil de se encontrar a felicidade? Por que são limitados meus conhecimentos, minha estatura, a duração de minha vida a cem anos e não a mil? Que motivos levaram a natureza a fazer-me assim, a escolher esse número em lugar de outro qualquer, desde que na infinidade dos números não há razões para tal preferência, nem nada que seja preferível a nada”? (Pascal)

O HOMEM PARASITA

O ponta-a-pé dessa reflexão foi o livro maravilhoso e provocatório de Patrick Savidan, intitulado *Repenser l'égalité des chances*, que além do aprofundamento sobre a coesão social e sobre a doutrina da igualdade de oportunidades, em um dos apartados que estuda o valor da justiça na era do indivíduo, o autor fala do “Homem Parasita”, como intitulamos nosso tema. Ele é muito pertinente ao dizer que paridade de oportunidades nem sempre é positiva, pois tantas vezes é um fator de injustiça e de fragmentação social, pois existem os parasitam que somente absorvem e usufruem de tudo que lhes possibilitam e não colaboram ou nem sequer se responsabilizam pela própria condição de dependentes.

Falando nessa mesma direção, a música protesto também retrata essa dimensão parasitária da pessoa e argui a respeito do homem parasita que “procurando abrigo ele rouba tua casa, em nenhum momento ele pensa em você” (Over Shad). O homem parasita é toda e qualquer pessoa que busca se beneficiar dos recursos do estado e instituições ou da bondade e generosidade das pessoas e considera essa “assistência” como um direito e se acomodam na situação de agraciado ou indigente.

Assim, quando o autor do livro fala das múltiplas memórias do pauperismo ele distingue entre os “bons pobres e maus pobres”, quer dizer, existem os pobres frutos de uma fatalidade, de situações de injustiça ou por sofrerem de um handicap, mas existem também os pobres desonestos, negligentes e que se re-

cusam prover as próprias necessidades, a esses, diz o texto, devem ser punidos. Na verdade, ele divide os necessitados entre os que se esforçam e os que sofrem desvantagens, que devem ter direitos assegurados e os que não querem trabalhar, os quais são culpados da própria ociosidade, onde a desocupação é o pai de todos os vícios, a esses se chama de parasitas.

O texto faz um apelo a se evitar a simpatia mórbida à aqueles que consomem como se produzissem e nada de favorecer leis que criam os pobres que elas assistem, pois a caridade legal além de empobrecer as pessoas, pois as faz dependentes, ela também os deprava, o que significa que o direito ao benefício muitas vezes legaliza a inferioridade reconhecida da mesma pessoa. E isso não é somente do ponto de vista econômico não, também intelectual, psicológico e moral. O aluno que não estuda e não se esforça, porque esse deve ser aprovado? E aquele que não quer nada, apenas de corpo presente por outras razões que não a do estudo, por que deve ser tratado com igualdade de oportunidades como aqueles que vivenciam o próprio processo de aprendizado?

Cada um deve arcar com as próprias responsabilidades, não existem escolhas neutras e muito menos se deveria pretender querer direitos sem arcar com os deveres. Por isso se clama por uma “Justiça social capacitária”, ou seja, por uma política inclusiva e não somente de assistência, pois não basta a igualdade de oportunidades, faz-se mister trabalhar pela equidade em confronto a certo tipo de igualitarismo que permeia a nossa mentalidade de adeptos da democracia e da democratização dos recursos e das chances.

Certamente devemos todos trabalhar para eliminar os efeitos perversos da estratificação social, assim evitando o má-

ximo possível a costumeira metodologia da arbitrariedade e favorecer aquela da meritocracia, mas levando em conta que sem erradicar a discriminação até os méritos sub-entram no rol das desigualdades, pois muitos não desenvolvem os talentos por causa de exclusões ou chances não favoráveis. O que se almeja e se luta é por uma igualdade de oportunidades sustentável, dado que uma pessoa prejudica a outra não somente pela ação, mas também pela inação, onde a mesma igualdade deve ser pensada em uma concepção justa da igualdade de oportunidades, isto é, não é pelo fato de alguém pertencer a uma minoria ou a uma classe desfavorecida ou historicamente dominada que tem por isso, automaticamente, o direito e a paridade sobre outros indivíduos em pé de igualdade, o que seria uma ditadura do proletariado ou dos excluídos.

Não se pode esquecer que a liberdade é, para nós, uma pretensão, assim, a responsabilidade não é apenas uma questão de escolha e deve se referir a um sujeito concreto, porque cada pessoa é chamada a ser responsável por suas ações, no sentido de que é autor de uma ação que lhe é imputável, para isso é preciso repensar igualmente a Educação e Inserção: a requalificação de cada indivíduo, com oportunidades iguais e atmosfera favorável ao bom uso da sua liberdade, para que ninguém venha posar de vitimismo, de coitadinho e exija de tudo e de todos um tratamento facilitador e diferenciado. Somente reeducando o povo de maneira integral e democrática e inserindo em uma participação ativa nos rumos da sociedade e da própria vida é que se pode superar a lei carníface de querer levar vantagem sobre tudo e até se vangloriar da própria inferioridade de pessoa parasita.

AS PAIXÕES E O
PENSAMENTO:
AS RAZÕES DA FILOSOFIA
DA TOLERÂNCIA EM
MICHEL DE MONTAIGNE

Afirma Michel de Montaigne que «Nada na natureza é único, e somente o é em face dos conhecimentos restritos das pessoas, os quais constituem a base defeituosa que se estabelece e as levam a uma ideia muita falsa das coisas»¹, nessa indicação se encontra uma das características essenciais para a tolerância, isto é, a aceitação e a constatação que na mesma natureza a pluralidade é uma exigência e uma realidade incontestável, assim, somente o diálogo e o respeito pela diversidade pode estabelecer o ponto de comutação para uma filosofia da vida e para uma civilização de paz.

Partindo da sinceridade à própria consciência, a qual significa para Montaigne identidade e integração² e da constatação que mais que nunca se faz necessário viver e refletir sobre a tolerância, porque é urgente dialogar com o diverso, tanto do ponto de vista do pensamento, ou seja, da idéia,

1 MONTAIGNE, M, Des coches. Essais III, 6. Oeuvres Complètes (O. C.), Gallimard, Paris 1962, 886.

2 T. DAGRON, «Experience de soi, identité e integration chez Montaigne», in *Montaigne contemporaneo*. Edizione della Normale, Pisa 2011, 178.

Jorge Ribeiro de Sousa, nasceu em 15 de março de 1972, em Santanópolis, na Bahia, numa família de cinco filhos. Presbítero diocesano, faz parte do clero da Arquidiocese de Feira de Santana (Bahia), desde 1998. Formado em Filosofia, Teologia e Antropologia. Fez estudos no Brasil e também na Itália, onde viveu alguns anos. Tem se dedicado mais à pesquisa na área da Metafísica e da antropologia filosófica, com ênfase na questão da tolerância (Voltaire e Montaigne) e do sentido da existência humana (Juan Alfaro e Schelling). Escreve em alguns sites de cultura filosófica e de poesias. Atualmente é pároco e também professor de filosofia sistemática na Faculdade Católica de Feira de Santana.

